

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA S. FRANCISCO, 15 E 17

EDITOR

Manuel Miranda

PROPRIETARIO E DIRECTOR

Hilario Candido Barreiros d'Oliveira

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO, 134 A 140 — BARCELOS

O INTERINO

SEMANARIO LITERARIO

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

Lição ao "Interino,"

O cataléptico *Cavado*, que dorme o sono que a censura lhe impôs, numa imobilidade de coisa morta, cometeu muito errosinho durante a sua efémera vida de oito meses!...

Benza-o Deus!... Aquilo era um nunca acabar de disparates! Em primeiro lugar começou logo, ao nascer, a dizer coisas que nunca devia ter dito: «a propaganda em prol de Barcelos, o seu desenvolvimento industrial, comercial e agrícola» que o *Cavado* prometia tratar e defender; a fuga do «pantano charquento e deletério chamado politica» e outras lindas coisas prometidas, deram logo a entender que se tratava duma creatura com pouco juízo...

Mas a carencia completa de miolo mostrou-a o inditoso e malogrado *Cavado* quando, no seu segundo numero, pôs estes dizeres fementidos na primeira columna do seu fundo: «Prometemos não abordar nunca a politica, nem ferir susceptibilidades, nem consentir campanhas pessoais nas columnas do jornal...»

Vamos provar que o falecido não fez nada disto.

Começou por atirar-se á Guarda Republicana, á prestimosa e honrabilissima Guarda, como gato a bofes! E isso não se fazia, *Cavado!* isso foi uma das mais feias ações que tu praticaste na tua vida.

Tão feia, tão fatal, que até te trouxe a morte, porque esse forçado ataque de catalépsia, pode ser, para ti, um *casus mortis* (latim do *Palitométrico*).

Que te fez a Guarda, ó inditoso *Cavado*?

Apalpou-te alguma vez o costado com os chanfalhos? Amassou-te os untos com o cavalo marinho? Chimpou contigo alguma vez no *xilindró*? Não?

Pois então andaste muito mal quando atacaste tão ferozmente a briosa, a patriótica, nobre e leal Guarda.

Que tinhas tu que ver com os assassinatos da pobre Elvira e do infeliz Vale?

Não está implantada de novo em Portugal a pena de morte? Não foram umas balas do Estado quem matou os dois? Logo quem

matou não foi a Guarda, foi a Republica, foi o Estado.

E olha que ficaram muito bem mortos!...

Por outra via: que te importava a ti que a Guarda tosasse valentemente o bandido do Ventura quando desfamava um desgraçado preso no calabouço?

Por acaso o patife do Ventura estava praticando alguma ação digna de registo? E se era caso digno de saber-se, quem é que em Barcelos, havia de conhece-lo no dia seguinte, se a previdente Guarda não providenciasse a tempo?

O cano da carabina furou os gorgomilos ao tratante do sapateiro? — o cavalo marinho amaciou-lhe os untos? — as espadeiradas desfizeram-lhe as angulosidades do corpo?

Pois tudo isso era necessario para reclame á pífia ação do Ventura sapateiro, que teve a indelicadeza de supor que a prestimosa e nunca assás louvada guarda deixaria morrer á mingua de alimentos o cidadão André...

Bem: supõe agora o inverso:

Que em vez de azapares na Guarda e defenderes essa ralé nojenta que se chama povo,—que em vez de dizeres «coitada da pobre Elvira!»—dizias... «mataram-na? Bem feito. Ela para que pedia pão? Porque se não deixou morrer em casa? Sempre tinha de morrer... Bem hajam as carabinas da Guarda! Quanto mais ceifarem, mais barato fica o pão!»—Que em vez de dizeres: esses malandros da Guarda são grosseiros, indelicados, barbaros sanguinolentos, ferózes, etc.—dizias antes: suas excellencias os guardas n.º tal e tal applicaram uma sova formidável e muito bem merecida ao dr. F. de tal, ao engenheiro B. e outros cavalheiros deste jaez, que passeavam no jardim publico tranquillamente».

Se fizesses assim tinhas as benções da tropa toda: da guarda, do sargento, (que é uma creatura duma delicadeza á prova de fogo) do ministro da guerra que abraçou o sargento, do syndicante que gabou as suas habilidades de manutentor da ordem, da *Verdade* dos Arcos de Val-de-Vez, da *Era*

Nova e doutros mais; dos srs. F. de tal e advogado F. e fuões e fuões e fuões, corifeus graduados do democratismo indigena, não contando já que o sr. Afonso Costa, mandaria um abraço em officio e o sr. Urbano Rodrigues era homem de vir pelo telegrafo, para chegar mais depressa, apresentar em nome do grande estadista e do chefe de Estado as suas saudações a Barcelos por ter um jornal que sabia expor a Verdade por forma tão inconfundivel...

Ah! esquecia o mais importante:

E tu, malogrado *Cavado*, estarias a esta hora, vivo, de perfeita saude, senhor da opinião bemdita do Povo que todos os dias te iria dizer á porta:

—Bemdito sejas tu, ó *Cavado*, sagrado! Continua a zurzir-nos para honra tua, regalo dos teus censores e ludibrio de nós todos!

Interino! Toma juizo! Que a lição do *Cavado* te aproveite!

Elogia sempre tudo é todos. Faz cara com todo o bicho careta. Imita os colegas, rende culto á mentira. Tosa me bem esse povo—ralé nojenta. Adjectiva-me bem a guarda, enaltece-a, prantaa nos cornos da Lua. E não te esqueças de fazer o mesmo á censura e aos mentores da dita.

Só assim terás vida longa e folgada. Amen!

Bruno Evata.

Carta do "Interino," ao "Cavado,"

Li a sua carta, meu querido papá: li e aceitei os seus conselhos.

Porem, sempre lhe deixo dizer que não eram necessarios porque, no meu interesse proprio, eu não devo sair fora do eixo em que os meus censores me deixam girar. E o papá esteja certo de que quando vier, ninguém lhe dirá que me portei mal. Nunca ninguém me viu andar pela Parreirinha, nem pelo Micaca, nem pela Bagoeira...

Mas sabe que tenho passado mal?... O pão está caro, o assucar, o arroz, etc. e tal. O que me tem valido são uns bilheticos, que ainda cá encontrei na sua gaveta, do tempo do milho a sete tostões. E, graças a eles, que eu vou enganando o meu estomago. Bem haja o meu papá por não ter comido tudo d'uma vez!

Novidades de cá, olhe que poucas ha: a mais importante é que vamos ter eleições e já se movem os cordelinhos... com toda a valentia.

E eu acho bem, papá. A gente hade-se entreter com alguma coisa. No seu tempo, o papá barafustava contra a pouca

limpeza das ruas, e ás vezes o vereador das limpezas olhava para o que o papá dizia. Agora... as ruas estão quasi todas miseravelmente bem limpas. E' preciso pegar outra vez com ele, a pedir-lhe um bocadinho mais de cuidado p'ras ruas e pró largo de S. José, que está a pedir muita coisa. Mas eu é que não peço nada. Vivo cá por pouco tempo e o papá, quando vier, ha-de encontrar na sua gaveta umas notinhas a respeito de muitas coisas. Verá lá os lindos discursos que o Cascalheiro e mais o João Indivíduo fizeram na grande festa do cinco d'este; a apoteose feita á Guarda pelas nossas tropas no momento do seu embarque para Fancos; o que o Joaquim do Julio respondeu a um *guerreiro*, quando este acompanhava, em voz grossa, o choro d'uma mulher, mãe d'um soldado.

E sabe com que muita gente está contente? E' com a distribuição do açucar aos domicilios, por preço muito modico.

O resto, fica p'ra semana. Estimo que vá andando bem e aceite muitos beijos do seu filho obediente

«O Interino».

LITERATURA

Tarde de setembro

A Avelino Dantas.

Uma da tarde. O calor aperta. Está o ar imóvel, rarefeito. A flambagem do sol anda a espancar a monotonia das coisas... Lá em cima, brilhando numa vasta scintilação de grandes tarquezas esbeltas, o céu sem um farrapo de nuvem. Não oigo os passaros. Apriscaram-se por aí nalguma sombra... Adoro-os, sabem? Dizem tam lindos sonhos em trinados de cristal! Cá para o meu gosto, a pequenina glote daquelles corpos minúsculos excede os violinos.

Defronte da minha mesa é admiravel o bocado de paisagem que, pela janela aberta, me peço a ver. Mesmo um encanto, uma maravilha de *croquis*!

Ali abaixo, na doca, os navios. Uma chusma de mulheres descarrega cestos de sal. Carros de bois. No olhar dos animais há o doce, o longo olhar da paz... O Lima vai de águas verdes, manso, pasmado... Nem viv'alma pelo cais! A ponte, julgo-a saudosa do ruido... Na banda dalem, o veludo farto dos pinheiros estende-se pelo sopé do Faro de Anha, onde a minha vista abraça umas manchas esbranquiçadas,—sitios sem vegetação. Casas de Darque, algumas, claras de cal, vivas á intensidade da luz. No recorte da esquerda, o Cabedelo. Para lá, a lamber cariciosamente os fúlgidos oiros da praia, num vai-vem de berço, o mar.

Motivo para um virtuoso da linha e da cor... Admiravel, meus senhores, o quadro... Mas, ha! sob esta ardência que derrete tudo, ainda o retroz da minha magreza, que tudo pulveriza, que tudo volatiliza, deixa-me quebrado só do trabalho de olha-lo, com a vida como suspensa, anestesia-me, enerva-me, aniquila-me.

Assim, acho o papel odioso e mais a caneta...

...—Viva! venha de lá esse coral, sua garota!... Um beijo, vamos!...
É uma criança da vizinhança, o regalo dos meus, que me sobe ao quarto e me pula para os joelhos. Linda como uma primavera! Custa a crer, até, que a tanto se amoldasse o barro... E pouho-me a olhá-la, a beijá-la, a escutá-la.

São, porventura, das melhores criações de Deus estes pequenos entes caros, que nos dulcificam os dias da vida brutal e amara a que vivemos. São ainda sorrisos d'elas as crianças! Pois não são?

—Rosita! vou escrever!

Olha-me com os olhos columbinos e pega de fugir-me. Vai traquinar, vai bclir nos meus livros, ver aqueles que têm «santinhos»... E esquece-se com as ilustrações da minha estante, enquanto um fio de sol lhe acende tabaredas nos sedosos rachos da cabecita doirada...

Levanto-me. Corro as vidraças. Encosto as portas. Assim. Quero os olhos despeçados do esplendor de lá de fora. Não ficaria peor na macieira de *aprésmidi* em que adormece a claridade, agora...

—Rosita! vou escrever!

E fica-se muito quieta, toda embevecida com os os santinhos dos meus livros.

Julio de Lemos

Obedecer não é deprimente

Quando se recomenda a uma criança que seja obediente, não se lhe impõe a obrigação de fechar os olhos, assim do corpo como os da razão atirando-se passivamente na direcção que se lhe indica, sem olhar a antecedentes nem a consequentes. Deve entender-se por obediência, como quer Braun, pedagogista muito conceituoso, um assentimento livre, espontaneo, voluntario, aos conselhos e pareceres d'aquella pessoa para quem o nosso coração nos impele.

Pensamos nós que nos casos de verdadeira estima entre pae e filho, ou entre professor e pupilo, deve este acreditar que é para sua utilidade que se lhe dizem as couzas e, embora não compreenda os fundamentos d'elas, accita-las e seguil-as pelo menos na sua essencia, embora não completamente na forma exterior.

«A obediência não é uma fraqueza, antes se deve considerar uma força do caracter que a si mesmo se vence, (acrescenta Braun); o mobil da obediência não é o medo, HA-DE SER O AMOR».

Depois reproduz as seguintes palavras de Hergenthoth:

«A base da obediência é a razão; obedecer é raciocinar».

Isto parece um paradoxo, e sel-o-á talvez, o que de modo algum lhe tira o valor, o sentido, a ezatidão.

Não podendo a criança dar ao seu raciocinio a direcção e a consistencia de um adulto, deve, se realmente confia na estima do conselheiro, seguir o que este lhe diz aprendendo com ele a raciocinar, a discorrer, e portanto a obrar.

Por ultimo Braun escreve:

«Para nós como, para o pedagogista antes citado, a virtude não consiste apenas nos atos que d'ela emãão; apreciamol-a em si, na sua essencia. A virtude é para nós como aquele grãozinho de mostarda de que nos fala o Evan-

jelho, o qual, não obstante ser a mais pequerrina de todas as sementes, dá de si ramos tão frondozos que todas as aves do ceu podem repouzar ao abrigo da sua sombra.

Ha creanças para quem a obediência é intoleravel. Será por mero espirito de contradicção ou, mais sucintamente, por maldade, ou dever-se-á em parte ao que d'elas se abusou anteriormente, constrangendo-as a procedimentos injustos, obscuros e por consequencia repugnantes á instintiva delicadeza inata em todos os espiritos?

Por mais extraordinario que o eazo pareça, os homens são muitas vezes os culpados de haver creanças absolutamente intrataveis...

Uncle Tom.

Todo o ninho é um lar

As aves, quando bem aproveitadas, seriam um excelente meio educativo, tanto sob o ponto de vista moral como sob o ponto de vista estético.

«Elas, diz um escritor, são a minha paixão; a sua alegria descuidada deixa-me de bom humor; fazem-me esquecer da vida; quasi me parece, quando estudo o seu melodioso gorjeio, ou quando sigo com a vista os seus voos, que me torno agil como elas, que esvoaço no ar, que me encontro num mundo novo, sem dor nem luta, onde um pobre ninho feito de ervas e de flores é um sumptuoso palacio...»

Diz M. Severin Baudouy, de quem damos o retrato, que já Michelet se lamentava, ha 60



anos, que algumas especies de aves estivessem a bem dizer extintas em França, porque nas suas migrações nem todos os passaros se detinham naquele paiz, aterrados com a perseguição que lhes vinha sendo feita.

Por seu turno M. de la Blanchère no seu livro *Les Oiseaux Utiles* verbèra os passarinhos (segundo o mesmo autor), que dos Vosges á Lorena esterminam as aves de passagero, matando cada um deles e em cada dia cincoenta a sessenta duzias de pintarroxos.

Pois, não obstante as leis, as circulares ministeriaes, as posturas e as convenções internacionaes, o mal ainda não cessou, antes se conserva no mesmo pé de gravidade apontada.

E o que succede em França dá-se em escala maior ou menor em

outros paizes, de maneira que a obra que se pretende alcançar, isto é, a preservação das diferentes especies aladas, é bem difficil de conseguir por semelhante processo repressivo.

Outro ha, de mais lentos resultados, mas de maior eficacia final, e esse é o preventivo.

Assim como estamos levando á escola primaria aprendizagens varias, alguma das quaes bem pouco em harmonia com a razão de ser d'ela, assim se podia muito bem introduzir lá o ensino da bondade nas suas multiplas e mais comensinhas manifestações, uma das quaes seria evidentemente a estima que todos os seres creados nos merecem, e em particular as aves.

O autor antes citado escreveu que o pobre ninho feito de ervas e flores era um palacio sumptuoso.

Pensa muito bem, visto que todo o lar, seja ele o nosso ou da avesinha amiga e zelosa pelos seus filhos, é o espaço amplo ou reduzido, mas em todo o caso sufficiente, onde brilha a inefavel luz dos afetos.

Luiz Leitão.

TRATÊMOS DAS COLONIAS ESCOLARES

As creanças são como que o ativo d'uma nação. E' o capital continuamente em deposito com o qual essa nação pode sempre contar e que lhe poderá ser aumentado ou beneficiado consoante o esforço dispendido por essa nação, ou antes, pelos seus homens a quem estão entregues os seus destinos.

Se, pois, esses homens se preocuparem em dar ás creanças um regimen pedagogico em que elas se possam desenvolver amplamente, sem coações moraes ou intellectuaes, se souber velar pela sua hygiene e pelo seu desenvolvimento fisico, se souber levar para o seu seio professores cientes e conscientes da sua alta missão, elles tem tudo a esperar d'esse capital á ordem porque mais tarde o juro recebido compensará grandemente o pequeno esforço dispendido com o seu aperfeiçoamento.

Exemplifiquemos: a infancia sintetisa os homens de amanhã e por ser assim esses homens serão uteis ou nocivos conforme a direcção por essa infancia recebida, fosse bem ou mal orientada. Dissemos que um d'esses elementos de educação era o desenvolvimento fisico. Acrescentemos agora um outro que vem a ser a liberdade, e reunidos ambos agrupemol-os sobre a designação de «Colonias Escolares».

Colonias escolares ou colonias de ferias significam as estancias onde as creanças das escolas, quando no periodo de ferias, vão passar esse periodo no seio amigavel e benefico da natureza, aspirando o ar puro dos campos retemperando as forças físicas e buscando ao mesmo tempo os uteis ensinamentos que nos oferece a vida natural.

Lá fóra as colonias escolares tem-se desenvolvido e progredido a olhos vistos. Na Suissa, como nem todas as creanças podem aproveitar tal beneficio, as escolas de Lausanne organisam passeios regulares ao campo nos quaes tomam parte as creanças n'essas condições. Ali se leem belos livros, se joga, brinca, analisa, havendo até uma refeição, regressando depois tudo a casa contente e satisfeito.

Não se pode dizer que o nosso paiz tenha ficado silencioso perante uma tal iniciativa. Que saibamos já duas entidades a quem a instrução e a educação deve assinalados serviços, poz em pratica a idéa da ida das creanças para o campo, ou seja as colonias escolares.

Uma d'essas entidades foi o actual presidente da Republica, dr. Bernardino Machado, que durante alguns anos mandou

para a Figueira da Foz algumas dezenas de creancinhas pobres de Coimbra, á sua custa. A outra é a *Sociedade Promotora de Escolas*, que tambem ha já alguns anos manda os seus educandos para a provincia com o mesmo fim moral, higienico e educativo das colonias de ferias.

Pois que o exemplo já dado por taes entidades continue a fructificar porque com isso tudo temos a ganhar...

... nós e os que nos sucederem.

J. Fontana da Silveira

Noticiario

Eleição Municipal

A lista do «Interino»

Sabe toda a gente que «O Interino», filho primogenito d'«O Cavado», não tem, nem nunca teve, qualquer inclinação partidaria. A sua obra tem sido sempre de saneamento. Nunca apoiamos qualquer grupo partidario, e nunca tratamos, aqui, de politica.

E porque assim temos sido, estranhos a partidos e a politicos, temos certamente direito a darmos a nossa opinião, quanto á proxima eleição comararia.

Um nosso colega local apresentou, como *extra-partidaria*, uma lista que propõe ao sufragio dos eleitores, para a Camara Municipal. Tem lá nomes que merecem o nosso respeito, a nossa maior consideração — e até o nosso voto. Mas, francamente o dizemos: essa lista tem doutores de mais; tem politicos e elementos que em caso nenhum poderiam ligar-se para um fim commum. Será, a nosso ver, uma lista encravada... para não dizer-mos *entrevada*.

Se o fim que se teve em vista foi o de constituir uma lista da vila, de verdade aquella não satisfará as exigencias locais. Querem na Camara, homens sem obesecação partidaria?

Querem lá quem não se preocupe com politica e portanto *côrte a direião*?

Pois se assim é — politicos fóra da lista! Vamos á pratica e deixemos a teoria das grandes figuras e dos nomes que enchem uma lista.

Nós é que somos independentes, e não nos preocupamos com ver na Camara tantos do grupo A, tantos do B, e tantos do C.

Fizemos, numa maré, uma lista inteira. Tomava-se café á mesa de am dito, e de lá, com a colação de um e outro, saiu a lista que segue, que é a do «Interino», a quem nós e o nosso partido, damos todos os nossos votos!

Eis a nossa lista, — *extra-partidaria* — para quem não pedimos um voto, mas a quem «O Interino» dá o seu, por que assim mostra que em Barcelos ainda se pode arranjar uma lista de *extra-partidarios*, para a administração municipal, ... sem intuitos reservados.

Eil-a:

Presidente da Camara:
Antonio Pais de Faria (boticario)

Vice-presidente:
João da Costa Freitas (guitarrista)

Presidente da Comissão executiva:
Joaquim do Carmo Martins (maestro)

Vice-presidente:
Basilio Augusto de Jesus (corista)

Veredores:
Bento Antas da Cruz (homem de letras)
José Pereira Simões (chefe de policia)
Alberto José Alves (tenor)
Delfino José Pereira (operador)
José Joaquim d'Oliveira (conego da Sé)
João Gomes da Silva (titular)
Antonio Correia Durães (jornalista)

Senhores:
Antonio Candido Braga (chefe de finanzas)
Estanislau Manuel (director dos fios)
José da Silva Maciel (pirotecnico)
Antonio de Sá (veterinario)
João Gonçalves Dias Neiva (letrado)
Antonio José Pinto (algebrista)
Antonio José de Faria Junior (magistrado)
Antonio Francisco Garrido de Brito (letrado)
Aldolfo da Silva Garcia (capitalista)
Alexandre José Ferreira (viajante)
João Antonio da Cal (letrado)
Manuel Pereira Braga (letrado)
José Luiz Pereira (morgado da Cepa)

Desastre

Magoou-nos profundamente uma noticia de que ontem tivemos conhecimento. O interessante Anselmo, filho estremeado do nosso amigo, colaborador e ilustre homem de letras, Manuel Boaventura, foi, na ultima 4.ª feira, vítima dum lamentavel desastre, sendo arrastado num carro de bois, por uma ribanceira abaixo, numa extensão de muitos metros, na quinta de Cedofeita, que aquêle nosso amigo possui em Palmeira do Faro.

Da queda resultou a fratura de algumas costelas, recebendo-se tambem que se produza uma hemorragia interna pelo facto de as costelas partidas terem perfurado o pulmão direito.

Nos que conhecemos Manuel Boaventura e que sabemos quanto ele é extremo pelo seu Anselmo, avaliamos bem quanto deve ter sofrido!

Daqui lhe enviamos um sincero abraço de comparticipação na sua profunda dor, com o ardente desejo de breve vermos restabelecida a simpática criança.

Hospedes illustres

De visita á ex.^{ma} esposa do sr. conselheiro José d'Almeida, estiveram nesta vila, na ultima semana, as ex.^{mas} sr.^{as} D. Margarida Vieira Lisboa e D. Maria Antonieta, da illustre Casa de Faldejaes (Ponte do Lima) esposa e filha do sr. conselheiro Vieira Lisboa, juiz do Supremo Tribunal de Justiça e mãe e irmã do sr. dr. Pedro Vieira Lisboa, contador em Viana do Castelo.

Milho

O sr. administrador requisitou 50 vagons de milho para abastecimento do nosso concelho.

Acertada medida, não há duvida.

Teatro Gil Vicente

E' hoje que se realisa o angniciado espectáculo em beneficio da Cruz Vermelha nesta vila.

Desnecessario é encarecer a obra altamente simpatica, nobre e altruista desta instituição. E' daquellas que marcam e devem ser auxiliadas.

Natural é, pois, que hoje acorra ao Gil Vicente o que ha de melhor na sociedade barcelense, não tendo nós receio de errar ao profetisarmos uma casa cheia.

De resto o programa é interessante, sendo desempenhado por um grupo de amadores pertencentes á delegação da Cruz Vermelha nesta vila.

Cinematografo

Programa anunciado para hoje:

Paie jornal—natural. *Lição de historia*—comica. *Dois presidarios*—drama. *Eleição disputada*—comica. *Uma ressurreição*, fita dramatica, em tres partes, de grande successo.

Exames

Em Braga concluíram o 3.º ano do liceu a interessante menina D. Aldina Corrêa, filha preçada do sr. Antonio Fernandes Corrêa e o menino Eduardo Segismundo Pereira e Lima, dilecto filho do sr. Julio Cesar de Lima.

Na mesma cidade concluíram o 7.º ano dos Liceus os distintos academicos srs. Jorge Cesar de Lima e Fernando Moreira.

Em Guimarães terminou o 3.º ano do liceu o distinto aluno do «Externato Barcelense», sr. Alberto Alves de Carvalho.

Nesta mesma cidade completou o 5.º ano dos liceus o intelligente academico sr. Domingos Pereira de Sousa.

Muitos parabens a todos.

Nomeação

Foi nomeado ajudante do auditor administrativo deste distrito o sr. dr. Domingos de Figueiredo.

As nossas felicitações.

Notas da semana

Aniversarios natalicios

Passam:

No dia 16: o da ex.^{ma} sr.^a D. Isabel Candida Marques Campos d'Azevedo.

No dia 21: o do sr. dr. Luiz Novais.

No dia 22: o da ex.^{mas} sr.^{as} D. Maria Clarice d'Albuquerque Esteves Miranda e D. Ludovina de Faria Lamela.

Estiveram:

No Porto: os srs. dr. João Cardoso d'Albuquerque, Domingos Guimarães Esteves, Secundino Pereira Esteves, dr. Miguel Monteiro e dr. Francisco Rodrigues Torres.

Em Braga: os srs. dr. João Augusto d'Oliveira Pinto, dr. João Cardoso d'Albuquerque, padre Manuel Esteves, João Martins e José Casimiro Alves Monteiro.

Encontram-se:

Em Braga: os srs. capitães Nicolau Baccalar e Menezes Pinheiro.

Em Amares: o sr. Luiz d'Almeida.

Em Barcelos: os srs. Anibal Duarte Azevedo, Jorge Alvares Pereira e Lima, Rogério Ferro Esteves e Aurelio Lamela.

Partiram:

Para Lisboa: os srs. Gaspar Mendes da Rocha Diniz, dr. José Belesca d'Almeida Ferraz e João Henrique de Matos Vidal.

Para o Porto: os srs. Gonçalo Alfredo Alves Pereira e Abilio Brito.

Para Tancos: o sr. Antero José de Faria, alferes miliciano.

Enfermos:

Tem passado incomodado de saude o sr. dr. Domingos de Figueiredo, illustre director do nosso colega «Era Nova».

Delivrance:

Teve-a a ex.^{ma} esposa do sr. José da Graça Faria, dando á luz uma criança do sexo masculino.

Declaração

João Cardoso d'Albuquerque, declara que não autorizou ninguém a incluir o seu nome em qualquer lista camarária.

Barcelos, 13 de outubro de 1916.

João Cardoso d'Albuquerque.

ANUNCIOS

Arrematação

1.ª E 2.ª PRAÇA

No dia 29 do corrente mez, por 12 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, perante o Juiz de Direito e Presidente do Tribunal comercial desta mesma comarca e escrivão do 1.º officio—Cardoso, tem de se proceder á arrematação em 1.ª praça, do dominio directo, direito e ações ao deante relacionados, pertencentes á massa falida da firma comercial Duarte & Irmão desta vila, e que ar-

rolados foram (alem doutros já arrematados) no respectivo processo de falencia desta firma, requerida pelos seus credores e curadores fiscais Antonio Joaquim Lopes dos Reis, casado, negociante, da cidade de Braga, e Alves, Costa e Companhia, firma comercial da do Porto; e bem assim dos creditos ou dividas activas da mesma massa falida, tambem ao deante relacionadas, os quais dominio, direito, ações e dividas são os seguintes:

Dominio directo

O dominio directo consistente no foro anual de oitenta e seis litros, oitocentos e sessenta e cinco mililitros, (cinco rasas) de milhão, que pagam Benjamin Gonçalves dos Santos e mulher Maria do Vale Guimarães, lavradores, da freguezia de Vila Coiva, desta comarca, foro que tem o laudemio da oitava parte e imposto no campo chamado da Devesinha, de lavradio e com videiras, situado no lugar de Samo, da mesma freguezia, dominio directo este que foi avaliado ua quantia de 125\$45.

Direito e acção

O direito que os falidos ou a sua massa por ventura tenham a receber os capitais de «quinhentos e trinta e sete escudos e nove centavos»,— «cento e cincoenta escudos»,— e «cem escudos e cincoenta e oito centavos»—e duzentos e vinte e um escudos e vinte e nove centavos, de que é devedora Marcelina Lourenço, hoje casada, com Manoel Esteves Alves, desta vila, ou qualquer parte desses capitais que se verifique estar em divida aos mesmos falidos ou sua massa.

Ações

Nove ações da Companhia Internacional de Seguros «Fomento Agricola» com séde em Lisboa—Rocio, 59, 1.º—com os números vinte e cinco mil quatrocentos e sessete, vinte e cinco mil quatrocentos e dezoito, vinte e cinco mil quatrocentos e dezoito, vinte e cinco mil quatrocentos e vinte, vinte e cinco mil quatrocentos e vinte e cinco, vinte e cinco mil quatrocentos e vinte e seis, vinte e cinco mil quatrocentos e vinte e sete, vinte e cinco mil quatrocentos e vinte e oito.

e trez, vinte e cinco mil quatrocentos e vinte e quatro e vinte e cinco mil quatrocentos e vinte e cinco ações estas de que o socio falido Anselmo d'Assumpção Finza Duarte era possuidor.

Dividas activas da massa falida

Diferentes dividas activas do negocio dos falidos, na totalidade de quatrocentos noventa e um escudos e oito centavos, cujos devedores são desta vila, de diferentes freguesias desta comarca e alguns de fora dela. Estas dividas entram em praça por todo o preço por serem todas consideradas de cobrança duvidosa; as ações entram em praça sem valor algum, por não terem cotação alguma, como do processo consta a folhas quatrocentas cincoenta e uma, assim como o direito aqueles capitais por a devedora negar a obrigação do pagamento deles.

No mesmo dia, horas e local, tem de se proceder tambem á arrematação, em 2.ª praça, das fazendas do negocio dos falidos, que não tiveram lançador na 1.ª praça, reutilizada em 16 de abril passado, sendo postas em praça por metade do seu valor, as quaes são as seguintes:

Lote numero desenoze

Quatro cachenez de froques que, ao preço de cincoenta centavos cada um, foram avaliados em seis escudos: metade, trez escudos.

Lote numero vinte

Dois lenços de malha, que ao preço de noventa centavos cada um foram avaliados em um escudo e oitenta centavos: metade, noventa centavos.

Lote numero vinte e nove

Dois retalhos de duraques para coletes, com onze metros e vinte centímetros, que, ao preço de vinte e quatro centavos cada metro foram avaliados em dois escudos e sessenta e oito centavos: metade, um escudo e trinta e quatro centavos.

Lote numero trinta e tres

Oito retalhos de castorinas de côr, com vinte metros e cincoenta centímetros, que, a trinta centavos cada metro foram avaliados em seis escudos e quinze centavos: metade, tres escudos e sete e meio centavos.

Lote numero quarenta e oito

Tres retalhos de chita em barra

con vinte e um metros, que ao preço de dez centavos cada metro, foram avaliados em dois escudos e dez centavos; metade, um escudo e cinco centavos.

Lote numero cinquenta

Dois retalhos de sargelim preto, com vinte e seis metros e meio, que, ao preço de dez centavos cada metro foram avaliados em dois escudos e sessenta e cinco centavos; metade, um escudo e trinta e dois centavos e meio

Lote numero cinquenta e dois

Tres peças e uma porção de retalhos miudos de crinolina, avaliados num escudo: metade, cinquenta centavos.

Lote numero sessenta e oito

Uma porção de peças e retalhos de guarnições de seda e lã, de diferentes cores, avaliados em quatro escudos: metade, dois escudos.

Lote numero setenta e tres

Uma porção de caixas com botões de massa, alguns defeituosos, avaliados num escudo e cinquenta centavos: metade, setenta e cinco centavos.

Lote numero setenta e quatro

Outra porção de caixas com botões de massa, avaliados em tres escudos: metade, um escudo e cinquenta centavos

Lote numero setenta e sete

Vinte e seis maços de carinhos d'algodão de diferentes numeros que, a vinte e quatro centavos cada maço foram avaliados em seis escudos e vinte e quatro centavos: metade, tres escudos e Jose centavos.

Lote numero setenta e oito

Setenta e cinco carrinhos d'algodão de diversos numeros e diferentes cores, que ao preço de dois centavos cada um, foram avaliados em um escudo e cinquenta centavos: metade, setenta e cinco centavos.

Lote numero oitenta e um

Uma porção de retalhos de rendas brancas d'algodão, espiquilhos, para guarnições, cordões, trança d'algodão e fitas de seda, tudo avaliado em um escudo: metade, cinquenta centavos.

Lote numero oitenta e quatro

Uma porção de ramos e grinaldas de flores artificiais, avaliadas escudo: metade, cinquenta centavos.

Lote numero oitenta e oito

Setenta e cinco gravatas diversas avaliadas em nove escudos: metade, quatro escudos e cincoenta centavos.

Lote numero noventa

Vinte e cinco colarinhos de diferentes feitios e sete voltas de borracha, avaliados em dois escudos e cinquenta centavos: metade um escudo e vinte e cinco centavos.

Lote numero noventa e um

Mais nove colarinhos, uns suspensorios e cinco pacotes de póz d'arroz, avaliados num escudo: metade, cinquenta centavos.

Lote numero cem

Um gazometro de acetilene e competente canalisação, avaliado em dois escudos: metade, um escudo.

Pelo presente ficam citados quaisquer credores incertos da firma falida, nos termos do artigo 844 do Cod. de Proc. Civil, para os devidos efeitos.

Barcelos, 12 de outubro de 1916.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz Presidente,

Monteiro.

O ajudante do escrivão do 1.º officio,

Miguel José Duarte Finça

Anuncio

1.ª PUBLICAÇÃO

Por este juizo de direito e cartorio do 3.º officio, nos autos de acção de interdicção em que são autores Eusebia Ferreira d'Araujo e marido Sebastião da Silva Sousa, da freguesia de Viatodos, e ré Joaquina Ferreira d'Araujo, da freguesia de Grimancelos, por sentença de 22 de agosto ultimo, foi a mesma ré julgada interdita por demencia, o que se anuncia nos termos e para os fins do art.º 427 do Codigo de Processo Civil.

Barcelos, 2 de outubro de 1916.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Monteiro.

O Escrivão do 3.º officio,

Porfirio Antonio da Silva.

O CAVADO

Publicações

Corpo do jornal.....	40	rejs
Secção d'annuncios.....	30	"
Repetição.....	20	"
Comunicados.....	40	"

"Padaria Maria Antonia,"

BARCELOS

O seu novo proprietario acaba de ampliar o seu estabelecimento, com secção de confeitaria, sortindo-se de especialissimos vinhos maduros, conservas de toda a qualidade, finissimo queijo da Serra da Estrela, bolacha nacional e estrangeira, farinhas, massas etc.

Seriedade e modicidade de preços.

NOVO ESTABELECIMENTO COMERCIAL

DE

COSTA & VASCONCELOS

Rua D. Antonio Barroso

Rua Barjona de Freitas

BARCELOS

Grande sortimento de artigos para senhora.
Veludos inglezes e nacionais, sedas de cor e pretas lavradas para vestidos e blusas.
Chales de malha, Espartilhos, Agasalhos.
Flanelas, chitas, chales, cachonés, morins, panos crus, etc.
Esplendido sortido de flanelas nacionais e inglezas, tudo para fatos de homem.
Casimiras de cor, diagonais, picotilhos e cheviotes.
Padrões da maior novidade para fatos e sobretudos.

MIUDEZAS

Camisaria, Gravataria, Chapeus e Guardasoes.

Os Milhões do Criminoso

Interessantissimo romance do popular escritor francez

Xavier de Montépin

2.ª EDIÇÃO

Famoso romance, que a casa editora Belem & C.ª Succ., tem em principio de publicação, por assignatura, impresso em papel superior, e ornado de finissimas estampas francezas.

- 1.ª parte—O incendiario.
- 2.ª parte—O grande industrial.
- 3.ª parte—A luz da verdade.

Tomos de 10 folhas de 8 paginas 100 reis.

Cadernetas de 2 folhas de 8 paginas 20 reis.

Brinde aos assignantes.

A TENTADORA

Nova Merceria e Papelaria

DE

JOAQUIM VIEIRA DA COSTA

Rua D. Antonio Barroso, 64. 66 — BARCELOS

Neste estabelecimento montado nas melhores condições, encontrarão sempre os estimados freguezes grande sortido de chá, café, arroz, assucar, bacalhau, azeite, e massas de superior qualidade.

Bolacha fina e biscoutos de Valongo e Povoá.

Seriedade de preços!

Visitem este estabelecimento!

BAZAR DO POVO

DE

ARNALDO TORRES

Rua do Infante D. Henrique, 45 a 53 — BARCELOS

Neste estabelecimento encontra-se um completo sortido de camisaria, luvaria, e gravataria. Artigos de caça, papelaria e tabacos. Cambios, letras, selos, e papel selado.

Correspondente de todas as Companhias de Navegação para o Brasil, Africa e America do Norte.

Modicidade de Preços.